

ENTRE CENTROS, TEMPOS E GÊNEROS: EM BUSCA DE NOVAS METODOLOGIAS DE ENSINO-APRENDIZADO

*Analice Souza Rezende¹
Márcia Cristina Hizim Pelá²*

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar a experiência da concepção e realização da oficina “Entre Centros, Tempos e Gêneros” que é fruto dos resultados da pesquisa realizada pelo Poli(S)íntese: Grupo Transdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Educação e Cidades – ISE/Unifan³, em duas escolas periféricas do município de Aparecida de Goiânia-GO. Durante a realização da pesquisa foi aplicado, para alguns alunos, um questionário socioeconômico, e a partir dos resultados, foram elaboradas atividades pedagógicas necessárias para diminuir as lacunas existentes entre o currículo escolar e a relação destes discentes com a escola e a cidade, ao fazer um link entre conteúdos e suas vivências.

Palavras-chave: Pesquisa de Campo Qualitativa. Gênero. Práticas Pedagógicas.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esse artigo foi escrito a partir de uma pesquisa de campo qualitativa realizada em dois colégios no município de Aparecida de Goiânia-GO, com o objetivo de perceber como esses alunos se enxergam dentro das suas realidades e como se relacionam com a cidade e com a escola. Posteriormente, após a análise dos resultados obtidos por meio de aplicação do questionário socioeconômico realizado pelo grupo de estudos e pesquisa Poli(S)íntese, foram identificados pontos-chaves a serem trabalhados com esses alunos.

O Grupo de Estudos e Pesquisas Poli(S)íntese surgiu da necessidade de unir a pesquisa ao contexto Universidade-Escola, bem como possibilitar um múltiplo encontro entre professores em formação, atuantes e não atuantes, com os alunos da Educação Básica, e por meio dessas relações construir metodologias que abranjam esse público, com a criação de diálogos e maiores possibilidades de interação com esses alunos, com a utilização da arte, da

¹ Graduanda do 5º período do curso de História da Faculdade Alfredo Nasser e pesquisadora do PoliSíntese: Grupo Transdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Educação e Cidades.

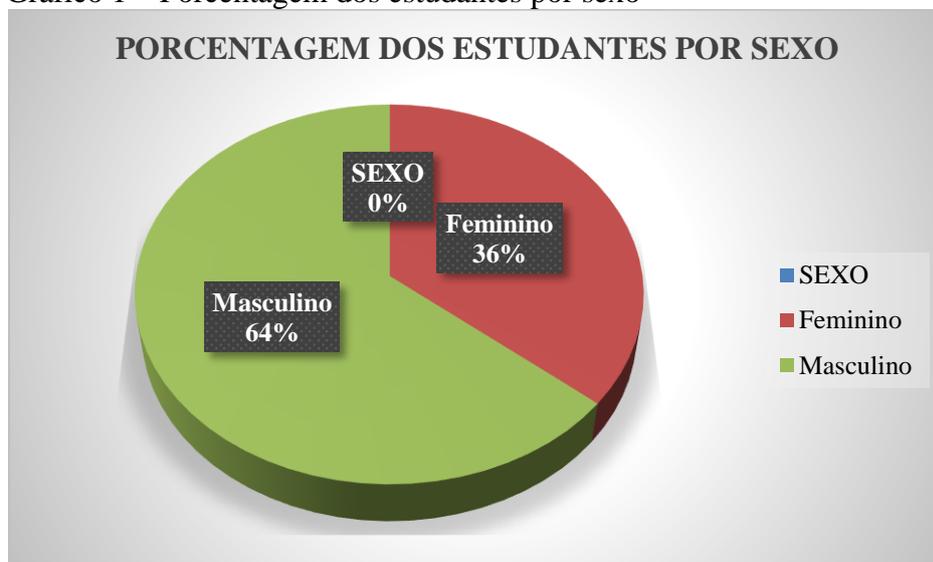
² Professora Doutora no Instituto Superior de Educação da Faculdade Alfredo Nasser e coordenadora do PoliSíntese: Grupo Transdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Educação e Cidades. E-mail: marcia.pela@gmail.com.

³ Um dos objetivos do Poli(S)íntese é estimular uma maior proximidade nas relações entre os alunos pesquisadores e professores com os educadores e estudantes das redes de ensino público através de ações pedagógicas teóricas e práticas como debates, palestras, oficinas, apresentações artísticas, etc.

cultura e de atividades elaboradas para suprir as diversas lacunas existentes, e assim relacionar os conhecimentos prévios dos alunos e os conteúdos trabalhados na escola.

Após o tratamento dos dados da pesquisa, aplicada em outros dois colégios da Rede Estadual, localizados em setores também periféricos e com as mesmas características sociais, essa pesquisa serviu como parâmetro para a elaboração de estratégias metodológicas, e com base na análise dos gráficos gerados, vislumbrou-se a dimensão da estrutura em que esses alunos estão inseridos,

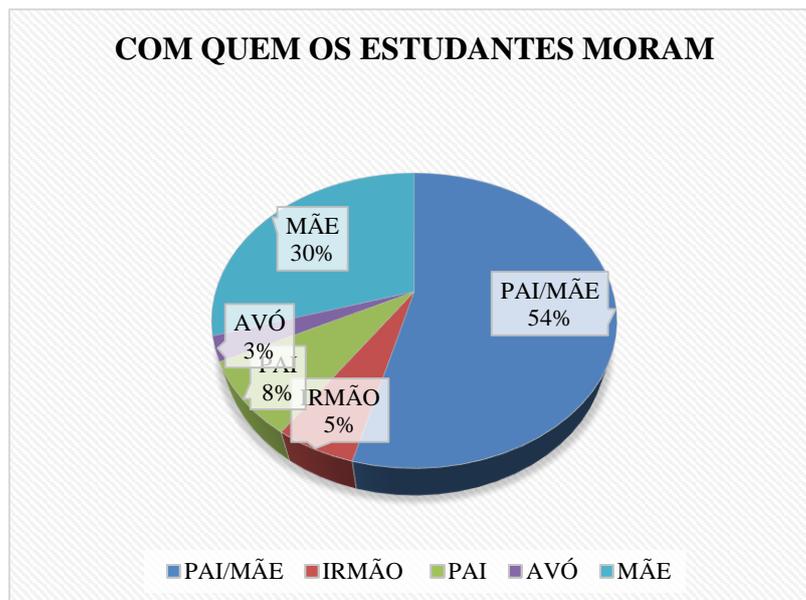
Gráfico 1 – Porcentagem dos estudantes por sexo



Fonte: Arquivo de pesquisas Poli(S)íntese, 2016.

Embora a entrevista tenha ocorrido com uma maior quantidade de meninos, não há relação com a quantidade de meninas e meninos na escola, apenas os meninos se mostraram mais interessados em participar da pesquisa enquanto as meninas se mostraram mais tímidas.

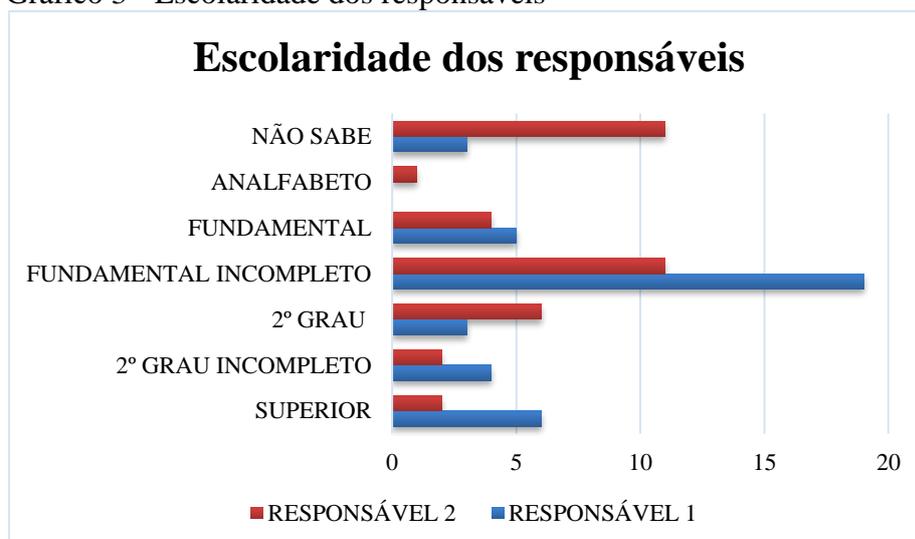
Gráfico 2 – Com quem os estudantes moram



Fonte: Arquivo de pesquisas Poli(S)íntese, 2016.

Nota-se que a grande maioria das crianças e adolescentes, participantes da pesquisa, moram com a família e as tem como referências, embora o quesito pai-mãe também represente mãe-padrasto, madrasta-pai, muito embora alguns não aceitassem o uso do termo padrasto-madrasta, pois consideravam os mesmos como autênticos pais e mães. Porém nota-se que 30% dessas crianças moram somente com a mãe e 3% com os avós, o que sugere uma maior carga feminina em relação aos cuidados com as crianças.

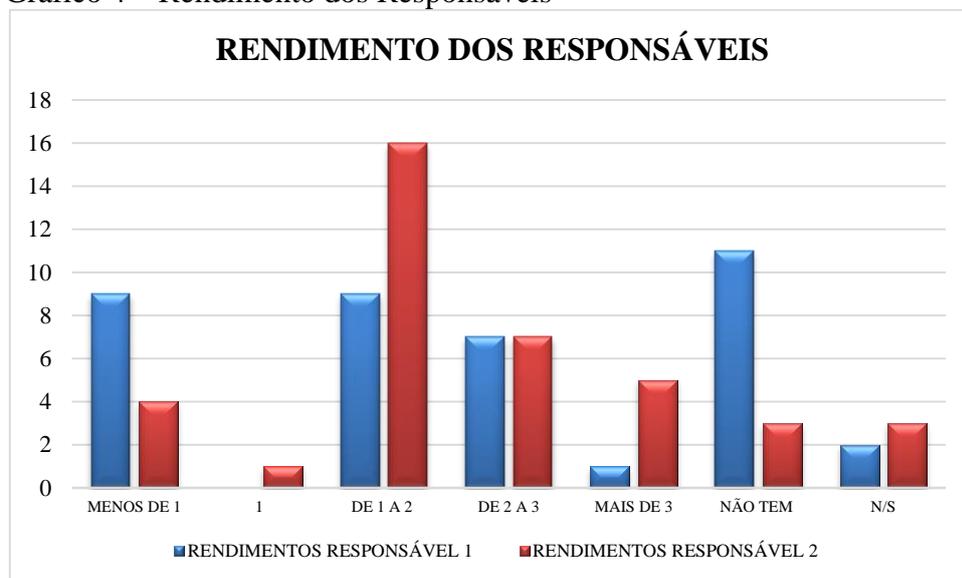
Gráfico 3 - Escolaridade dos responsáveis



Fonte: Arquivo de pesquisas do Poli(S)íntese, 2016.

O responsável 1 se caracteriza como mãe e o responsável 2 se caracteriza como pai, embora haja casos em que não é nem o pai nem a mãe os responsáveis por essas crianças e sim outro adulto como avó, avô, irmão, madrasta ou padrasto. O que se observa em relação à continuidade de estudo dos responsáveis é que há uma maior taxa de analfabetismo entre os homens da família assim como há uma maior ascensão ao Ensino Superior por parte das mulheres, e em contrapartida também se pode notar que há uma maior desistência por parte das mulheres na altura do Ensino Médio.

Gráfico 4 – Rendimento dos Responsáveis



Fonte: Arquivos de pesquisas Poli(S)ntese, 2016.

Neste gráfico o responsável 1 se caracteriza como as mães, e o responsável 2 se caracterizam como os pais, e embora se pode perceber que as mulheres avançaram mais em seus estudos, não ocorre o mesmo em relação aos salários das mesmas, há uma quantidade alta de mães/madrastas que não possuem nem um tipo de renda sequer, pois os alunos definiram suas mães, madrastas e avós como donas de casa. Os representantes masculinos parecem sempre ganhar mais que suas parceiras, observem que há um número alto, em relação ao número de responsáveis femininos, de responsáveis masculinos que obtêm ganhos de dois a três salários.

Com a leitura dos gráficos foi possível perceber quais pontos seriam necessários trabalhar, em relação ao quesito Gênero, como por exemplo, a disparidade entre os cuidados relacionados às crianças e em relação aos estudos e trabalhos. O gênero feminino continua atrás em relação aos seus salários mesmo tendo estudado um pouco mais, e é também o que mais recai as responsabilidades com as crianças, sem auxílio de seus parceiros.

Pensar essas questões é importante para a formação desses meninos e meninas para que no futuro haja mais igualdade entre esses papéis, deixando assim de gerar uma sobrecarga sobre o gênero feminino, possibilitando uma maior igualdade entre as tarefas, responsabilidades e salários iguais para todos.

Diagnosticou-se também que a maioria desses jovens em formação, na segunda etapa do Ensino Fundamental, não tem uma visão clara de quem são e não se vêem representados socialmente, e por apresentarem um certo grau de dificuldade para se reconhecerem negros, brancos ou pardos, grande parte dos entrevistados não se relaciona tão bem, tanto com a escola como com a cidade onde habitam. A respeito disso Arroyo afirma que,

Esse é um dos atrevimentos mais desestabilizadores que vem dos trabalhadores, dos povos indígenas, negros, quilombolas, camponeses, ribeirinhos, favelados e de seus filhos ao chegarem às escolas: resistir a se reconhecer subalternos, inferiores, irracionais, incultos. Logo se afirmar capazes de produzir saberes valores, culturas, modos de pensar. Saberes do Trabalho das resistências. Produtores de experiências humanizadoras, educativas. Pedagógicas. (ARROYO, 2014, p. 15).

Essas crianças e adolescentes oriundos de periferia estão enquadrados dentro de sistemas pedagógicos que infelizmente não dialogam com suas realidades, e ao perceber esses abismos o Grupo Interdisciplinar Poli(S)íntese atua nessa lacuna existente entre conhecimentos os prévios dos alunos e os conteúdos trabalhados em sala de aula, ou seja, se trabalha a partir do que o aluno já sabe de acordo com sua realidade, usando um tipo de linguagem que possibilite a compreensão dos temas propostos, com uma linguagem mais próxima da realidade dos educando.

Para os pós-estruturalistas a linguagem não designa unicamente as palavras, mas os sistemas de significação, as ordens simbólicas que antecedem o domínio da palavra propriamente dita, da leitura e da escrita. Pois, sem o sentido, não tem experiência; e sem processo de significação, não tem sentido. (SCOTT, 1989, p. 45).

Com os respectivos resultados percebeu-se que dentre as lacunas havia uma grande dificuldade em relação à Etnia, Gênero, e Mobilidade e Acesso dentro da cidade, e a partir daí cada integrante se posicionou com uma temática, de acordo com sua área de conhecimento, para trabalhar com esses alunos em forma de oficinas e palestras.

Assim, foi realizada, dentre outras, uma oficina cuja temática é “Gênero: entre centros, tempos, e gêneros”, com um grupo de alunos da segunda etapa do Ensino Fundamental (7º ano

no 1º semestre de 2017) no Colégio Estadual João Barbosa Reis. Esta Unidade de Ensino atende cerca de 1558 alunos, é mantida com recursos do governo Estadual e Federal, e está localizado no setor Madre Germana I em Aparecida de Goiânia -GO, um setor de classe baixa. Atende também a clientela de bairros vizinhos, o que proporciona o atendimento a pessoas de baixo poder aquisitivo, o que justifica, ali, o alto índice de violência, drogas e prostituição. É uma região de grande migração, praticamente sem local para lazer, com exceção um campo de futebol sem gramado, e sem acesso aos demais tipos de cultura e prática esportiva.

GÊNERO: UM OLHAR SOBRE AS DIFERENÇAS

“Gênero: categoria que indica por meio de desinências uma divisão dos nomes baseada em critérios tais como sexo e associações psicológicas. Há gêneros masculino, feminino e neutro.” (Dicionário Aurélio Buarque de Holanda, 2010).

A epigrafe acima, que traz uma das definições que se tem sobre o que é gênero, auxilia para que se possa compreender que o conceito de gênero vem se transformando ao longo do tempo, bem, como está diretamente relacionado as relações socioculturais que são estabelecidas e vividas pelos sujeitos sociais. Ou seja, partimos do pressuposto que o conceito gênero é uma construção social.

Scott (1989), auxilia neste entendimento ao dizer que o gênero se torna uma maneira de indicar as “construções sociais”, uma a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. Assim, o processo de construção da identidade e imagem do feminino e masculino vem, ao longo da história, sendo construído por meio da distribuição de papéis e cargos, e deste modo, cria-se estereótipos que são perpetuados com a reprodução de comportamentos de uma geração para a seguinte.

Essa visão distorcida, ou seja, pré-estabelecida desses papéis “masculinos” e “femininos” dentro do contrato social vigente na mentalidade social gera comportamentos destrutivos principalmente em relação aos gêneros feminino e neutro, pois estes são os gêneros que são ligados à fragilidade e a emoção, e também é esse o gênero feminino que constantemente é objetificado, enquanto o masculino é denominado como forte e capaz, e essa construção da imagem feminina é tida como frágil ou como objeto servil, o que reforça a ideia de que o papel da mulher seja reduzido em comparação ao dos homens.

A partir dessas indagações foram desenvolvidas atividades reflexivas para que os alunos confrontassem a si mesmos e fosse possível a desconstrução desses papéis pré-determinados sobre o que é “ser feminino” ou “ser masculino”. Nesse contexto, foi bastante esclarecedor o vídeo trabalhado, pois em forma de animação foram feitas várias indagações, como “Ser mulher é ser frágil?”, “Ser homem é ser forte o tempo todo?”, “Até onde devemos ir para não sair desses papéis?”, “E quando alguém não se encaixa nesses papéis?”. Os alunos se interessaram por essa temática e levantaram questões e também preconceitos, em determinados eles mesmos rebatiam conceitos e preconceitos uns dos outros, possibilitando assim novos diálogos.

Segundo o autor Leandro Konder (2004) o educador é o sujeito que precisa passar conhecimento e também convicções para seus alunos com uma pedagogia reflexiva/crítica que objetiva mostrar para os educandos o que é sua opinião e o que não é. Este deve, ainda, ensinar os alunos a duvidarem de tudo aquilo que lhe está sendo ensinado, pois somente a dúvida e a curiosidade constante são capazes de fazer que o conhecimento se liberte da ideologia, e faça com que os indivíduos saiam da alienação e tomem consciência de classes, diferenças sociais e da diversidade de gêneros e etnias. A escola pode ser um lugar interessante e propício para essa tomada de consciência.

Conscientizar os alunos sobre questões de gênero é essencial para o desenvolvimento social dos educandos, pois a alta taxa de mortalidade do gênero feminino e/ou do gênero neutro evidencia uma realidade de supressão de um gênero em relação aos outros, ou seja, é preciso que se desenvolva uma ressignificação de valores no processo de aprendizagem escolar, de modo que se trabalhe o conteúdo, mas também faça uma relação entre a escola, o meio social, a economia e o mercado de trabalho, com vistas a analisar as oportunidades que são oferecidas a ambos os sexos em todos esses quesitos.

AÇÕES PEDAGÓGICAS: EM BUSCA DE NOVAS METODOLOGIAS

A partir da realização da oficina “Gênero: entre centros, tempos e gêneros”, no Projeto “SBPC vai à Escola”, 2017⁴, procurou-se desenvolver um tipo de metodologia pedagógica no sentido de ampliar a percepção criativa e empática em relação ao tema. No primeiro momento

⁴ O projeto **SBPC vai à Escola** é uma iniciativa da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e foi desenhado a partir de um diagnóstico sobre a percepção de ciência do jovem brasileiro. O projeto visa estimular a interação entre cientistas e estudantes do ensino público (níveis fundamental e médio) através de palestras e atividades nas escolas.

da ação pedagógica foi trabalhado um vídeo de curta duração, que evidenciou como esses papéis são distribuídos desde o nascimento, com a separação do universo feminino e do universo masculino, que começa pela escolha das cores das roupas, que normalmente são “azul” para menino, e “rosa” para menina. Daí para frente começa toda uma construção definidora dos respectivos papéis, pois meninos brincam em atividades práticas que desenvolvem mais o corpo, enquanto meninas ganham bonecas e casinhas e aprendem a desejar um “príncipe encantado”

Foto 1 – Desenvolvimento da Oficina “Gênero: entre centros, tempos e gêneros”.



Fonte: Arquivo Poli(S)ínteses, 2017.

No segundo momento cada aluno ganhou um balão, roxo para os meninos e verde para as meninas, e notou-se que alguns meninos tiveram resistência ao receberem, pois não se identificaram com a cor roxa, por ser uma cor geralmente associada ao gênero feminino. Então foi pedido que cada um escrevesse uma profissão e colocasse dentro do balão, amarrasse e o jogasse para o ar. Quando cada discente pegou seu novo balão e o estourou foi lhe dado uma revista e pedido que procurasse nela a profissão respectiva aliada ao sexo que seria denominado pela cor do balão, exemplo:

- (Balão verde) + (Profissão Médico) = procurar imagem de uma mulher que representa essa prática/profissão.

- (Balão roxo) + (Profissão Professor) = procurar imagem de um homem que representa essa prática/profissão.

Quase que imediatamente os alunos perceberam a dificuldade para se encontrar imagens de mulheres associadas a profissões como: empresárias, médicas, advogadas, contadoras, policiais, bombeiras, dentre outras. A partir dessa percepção que eles mesmos apresentaram, foi realizado um debate sobre os papéis de cada um, e um aluno perguntou “Por que havia tantas mulheres modelos de biquíni e roupas íntimas e não médicas e advogadas?”. Nesse quesito os meninos ficaram eufóricos com a visão de várias modelos bem torneadas, exibindo seus corpos com poucas roupas, e as meninas não quiseram usa-las para representar nenhuma profissão.

Foto 2 – Desenvolvimento da Oficina “Gênero: entre centros, tempos e gêneros”.



Fonte: Arquivo Poli(S)nteses, 2017.

Após todo esse processo, foi pedido aos discentes que montassem um painel de profissões com recortes, colagens, e as imagens selecionadas, de modo que demonstrassem a desigualdade de papéis. Assim, por meio de toda ação pedagógica foi possível desconstruir certas opiniões formadas tidas como certas e unilaterais. Uma aluna bem incomodada, depois das reflexões ali desenvolvidas disse: “Tudo bem, são mulheres bem sucedidas em um dia de folga tomando sol ou experimentando suas roupas novas”.

Foto 3 e 4 – Desenvolvimento da Oficina “Gênero: entre centros, tempos e gêneros”.



Fonte: Arquivo Poli(S)ínteses, 2017.

Outro impacto positivo ocorrido durante o desenvolvimento da atividade pedagógica foi quando um aluno levantou e disse que ia pegar uma vassoura e limpar o local, pois o mesmo estava coberto dos recortes das revistas, ao mesmo tempo ele testemunhou “que em casa ele ajuda a mãe juntamente com suas irmãs e não achava que esses serviços eram somente tarefas femininas, pois todos sujavam todos deveriam limpar suas próprias bagunças” e ao fazer essa fala foi logo contestado por outros meninos o que proporcionou um momento de reflexão e associação de suas vidas com o tema ali tratado.

Segundo Brandão (2013), a “educação participa do processo de produção de crenças e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que em conjunto constroem tipos de sociedades”. Visto que esses sujeitos estão inseridos em uma sociedade patrilinear e desde a mais tenra idade recebem tipos diferenciados de educações baseados em fundamentalismos, senso comum e crenças arraigadas muitas vezes no seio familiar, a escola nesse processo possibilita a desconstrução de conceitos e estimula o exercício do pensamento crítico de seus atores, podendo fazer uma dialética entre conteúdos e vivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo esse processo de pesquisa possibilitou uma maior reflexão sobre a prática docente, e possibilitou indagações como: “Quem são meus alunos?”, “Onde estão inseridos?”, “Quais são os processos históricos que levaram à formação dessas pessoas, e também a minha própria formação?”, “Como usar linguagens condizentes com as várias realidades existentes?” “Como aproximar a realidade desses alunos com a realidade que a escola procura propor?” Entender essas questões é uma das propostas do “Grupo Poli(S)íntese”, pois, procura-se a todo momento estabelecer diálogos possíveis entres professores, alunos e a cidade em que todos vivem, para que haja uma melhor compreensão e inserção social.

A partir das indagações suscitadas, acredita-se na possibilidade de um melhor desenvolvimento dentro de cada área de estudo, seja ela História, Geografia, Matemática, Português, Inglês, dentre outras. Para tanto, o grupo possibilita o crescimento pessoal e profissional de cada integrante, tornando-os professores-pesquisadores, mas também com a preocupação de desenvolver ações pedagógicas por meio da arte, cultura, esporte, e inclusão social de todos os alunos. Neste contexto, há também um aprimoramento das didáticas, pois, ocorre aí a práxis educativa, permeada por diálogos e reflexões críticas sobre os vários temas propostos pelo o Grupo de Pesquisa Poli(S)íntese.

Abstract: The objective of this article is to present the experience of the conception and realization of the Workshop Between Centers, Times and Genders, which is the result of the research carried out by the Integral Poly (S): transdisciplinary group of studies and research in education and cities - ISE / Unifan in Two peripheral schools of the municipality of Aparecida de Goiânia, GO. During the research, a socioeconomic questionnaire was applied to these schools, and from the results we elaborated the necessary pedagogical activities to reduce the gaps between the school curriculum and the relation of the peripheral students with the school and the city, linking the contents and their contents Experiences.

KeyWords: Qualitative Field Research. Gender. Pedagogical Practices.

REFERENCIAS

ARROYO. Miguel Gonzáles. **Outros sujeitos outras pedagogias**. 2º ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação, São Paulo, Brasiliense, 2013.

SCOTT, J. **Gender:** a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Tradução: Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila, Press. 1989.

KONDER, Leandro. **Marx e a Sociologia da Educação.** In: TURA, Maria de Lourdes Rangel (org.). Sociologia para educadores. Rio de Janeiro: Quartet, 3^a ed. 2004.